

A FESTA DA NATUREZA E

O SABER
no destino

CAIO CÉSAR GOMES FREITAS
BRUNA ARRUDA
MARCIA VIDAL CANDIDO FROZZA
CLÉCIA CRISTINA BARBOSA GUIMARÃES
ANTONIO CARLOS DE AZEVEDO





Departamento de Ciência do Solo
Programa Ponte Solo na Escola



Caio César Gomes Freitas
Bruna Arruda
Marcia Vidal Candido Frozza
Clécia Cristina Barbosa Guimarães
Antonio Carlos de Azevedo

A FESTA DA NATUREZA

e

o Saber Nordestino

1ª edição

Revisão e diagramação dos autores

Capa: Beatriz Rosa Chiodelli; Bruna Arruda; Wilfrand Ferney Bejarano Herrera

Piracicaba, SP

2022



Título original: A festa da natureza e o saber nordestino

Programa Ponte-Solo na Escola

Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

Av. Pádua Dias, n. 11 - Agronomia, Piracicaba - SP, CEP - 13418-900, Brasil

Coordenação Geral: Antonio Carlos de Azevedo

F866f

Freitas, Caio César Gomes.

A festa da natureza e o saber nordestino (Livro eletrônico) / Caio César Gomes Freitas [et al.]; capa Beatriz Rosa Chiodeli, Bruna Arruda e Wilfrand Ferney Bejarano Herrera – Piracicaba (SP): Ponte Solo na Escola, 2022.

39 p. : il. Color.

Disponível em: <https://sites.usp.br/solonaescola/publicacoes/>

ISBN 978-65-00-58313-7 (PDF)

1. Literatura brasileira - Poesia - Poemas - Cordel. 2. Análise literária. I. Frozza, Marcia Vidal Candido. II. Guimarães, Clécia Cristina Barbosa. III. Azevedo, Antonio Carlos de. IV. Título.

CDD 869.1

CDU 821.134.3(81)-1

Bibliotecária responsável

Mônica Valério Barreto

CRB-14/967

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original dos autores e autoras seja corretamente citado.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
POESIA - POEMA	5
NATUREZA COMO INSPIRAÇÃO PARA CULTURA	6
POESIA NA FORMA DE CORDEL	9
CORDEL: POESIA E CIÊNCIA DO SOLO	13
NORDESTE BRASILEIRO E SUAS PECULIARIDADES	14
BELEZA NORDESTINA	19
RELIGIOSIDADE E ASPECTOS DA NATUREZA	20
ÁGUA E SOLO, FONTES DE VIDA	28
LIDA DO CAMPO	31
E CHEGA A HORA DA COLHEITA	34
EPÍLOGO	37
SOBRE OS AUTORES	39



APRESENTAÇÃO

Neste livro, trazemos reflexões a respeito da relação entre homem, cultura e natureza, tendo por base algumas percepções teóricas.

Iniciamos com um poema de Mia Couto como uma forma de expressão cultural, em seguida, apresentamos o cordel como uma das manifestações artísticas do Nordeste brasileiro.

A partir do cordel “O Saber Nordestino” de autoria de Caio César Gomes Freitas, refletimos a respeito de algumas questões teóricas que permeiam a leitura e a interpretação dessa expressão artística-literária. Para isso, retomamos as estrofes e destacamos palavras-chave que servem de base para as reflexões aqui expostas.

Cabe ressaltar que não fazemos um tratado ou uma análise literária conceitual, apenas, com inspiração em diferentes autores, levantamos e discutimos algumas das questões que unem homem, natureza e poesia. Em outras palavras, buscamos uma forma de pensar além da natureza do nosso cotidiano.



POESIA - POEMA

Iniciamos as considerações diferenciando “poesia” e “poema”. Entendemos Poesia como uma manifestação de beleza e estética. Assim, no sentido figurado, tudo aquilo que comove, que sensibiliza e desperta sentimentos é poesia. Já o poema é compreendido como um texto literário escrito em versos que contêm poesia.

Para exemplificar, referenciamos o poema sementeira, por meio do qual Mia Couto apresenta sua poesia ao leitor.

Sementeira

O poeta
faz agricultura às avessas:
numa única semente
planta a terra inteira.

Com lâmina de enxada
a palavra fere o tempo:
decepa o cordão umbilical
do que pode ser um chão nascente.

No final da lavoura
o poeta não tem conta para fechar:
ele só possui
o que não se pode colher.

Afinal,
não era a palavra que lhe faltava.
Era a vida que ele, nele, desconhecia.

Poesia de Mia Couto

No poema Sementeira, Mia Couto vale-se da palavra para estabelecer e descrever a relação entre homem/poeta e poesia. Nessa analogia, compara os afazeres de um poeta com os de um agricultor, usando a metalinguagem.



NATUREZA COMO INSPIRAÇÃO PARA CULTURA

A interação entre homem e natureza nasceu na longínqua pré-história. Assim, pode-se pensar que, há milhões de anos, comunidades de *homo sapiens*, observando os animais, passaram a desenvolver vários hábitos, dentre eles, a coleta de alimentos, que foi se aprimorando ao longo da evolução humana. Todavia, essa relação, necessariamente, não tem sido feita sempre de modo harmonioso.

Conforme Harari¹, “[...] quando o homem passou a coletar seu alimento e deixou de ser nômade”, houve um “[...] aumento drástico no poder coletivo da espécie humana e também do sofrimento individual”. A partir disso, o cultivo da terra contribuiu para outras formas de viver e de se relacionar com a natureza, conseqüentemente, surgiram novas culturas.

Quanto ao conceito de natureza e cultura, para Vannuchi², “a terra é natureza”, já o cultivo dela é cultura, do verbo *cultivare*. Em outro exemplo, o mar, sem o humano que o justifique, é natureza, o cruzar os mares, navegar sobre suas águas, é cultura. Assim, cultura vem a ser tudo o que é produzido pelo ser humano e natureza são os elementos a partir dos quais o homem desenvolve sua cultura.

Isso posto, adotamos como generalização para uso do termo cultura tudo aquilo que não é a natureza por si só, seguindo algumas definições que nos levaram a pensar dessa forma.

¹ HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Tradução: Janaina Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3Bpsw7e>. Acesso em: 18 abr. 2021.

² VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira**: o que é, como se faz. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2002.



O termo cultura, em sua raiz etimológica latina “*cultura, ae*”, significa “ação de tratar, venerar (no sentido físico e moral)” e o termo *agricultura, -ae*, também do latim (Priberam)³, é “a arte de cultivar a terra”, ou, ainda, “[...] ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavoura, cultivo”. (Houaiss)⁴.

No campo da Antropologia, compreende-se cultura como um “[...] conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social”. Também condiz à “[...] forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico)”. (Houaiss)⁵.

Matta⁶, por sua vez, entende que cultura pode ser considerada como a forma geral de vivência de um determinado grupo, sociedade ou país. Nesse viés, diz respeito ao que é interior e exterior ao indivíduo em suas relações com o grupo a que pertence e ao ambiente em que vive.

Não significa dizer, porém, que se trata de um conceito estático, pois a vivência e o contato entre diferentes manifestações culturais, com o passar do tempo, contribuem para a ampliação, redução ou soma de conceitos já existentes, o que os torna ambíguos e complexos (Souza Ribeiro)⁷.

³ PRIBERAM. Cultura. **Priberam** - Dicionário. 2008-2022. Disponível em: <https://bit.ly/3TUPtGw>. Acesso em: 18 abr. 2021.

⁴ HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 583

⁵ *Idem, ibidem.*

⁶ MATTA, R. da. Você tem cultura? **Jornal Embratel**, Rio de Janeiro, 1981. Disponível em: <https://bit.ly/3cYje8H>. Acesso em: 18 abr. 2021.

⁷ SOUZA RIBEIRO, R. **Do papel ao digital: a cultura digital e a ressignificação do conceito de lugar no ensino de Geografia**. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.



No pensar de Souza Ribeiro, considerando autores como Bauman, Geertz e Giddens, o conceito de cultura também é abrangente, individualizante ou homogêneo, a depender da área do conhecimento ou da filosofia que o define (Bauman)⁸.

Desse modo, em sua dinamicidade, cultura é criação humana e resulta numa teia que acaba por enredar seu criador (Geertz)⁹. Pode-se dizer, ainda, que engloba, entre outros, crenças, ideias, valores, objetos e símbolos (Giddens)¹⁰.

⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

⁹ GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

¹⁰ GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.



POESIA NA FORMA DE CORDEL

Como forma de expressão artística popular, o cordel aproxima as pessoas de suas realidades a partir da poesia cantada. Ao fazer uso dessa expressão poética, buscamos fazer uma leitura a respeito desse gênero literário.

A Literatura de cordel é uma forma de poesia popular geralmente impressa. Segundo Meneses¹¹, é de origem portuguesa e teve influência dos povos espanhóis e franceses. No Brasil, disseminou-se principalmente na região Nordeste e se tornou uma manifestação cultural típica daquele espaço. Já o termo cordel está relacionado à forma de apresentação dos folhetos, antigamente presos em barbantes (cordéis) nas feiras, praças e mercados populares, e atrela-se à divulgação de histórias tradicionais e de narrativas orais presentes na memória popular (Albuquerque)¹².

Cabe lembrar que não existe consenso entre os estudiosos de Literatura Popular quanto à origem do cordel no Brasil (Albuquerque)¹³. Em geral, na região Nordeste, indica-se que os valores trazidos pelos colonizadores portugueses foram mais aceitos, conseqüentemente, esse tipo de manifestação poética foi absorvido e tornou-se característica da própria fisionomia cultural da região.

¹¹ MENESES, U. T. B. de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 72, p. 225-244, abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3d3jtiT>. Acesso em: 2 maio 2021.

¹² ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. **Literatura popular de cordel**: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. 2011. 314 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

¹³ *Idem*.



Ainda, pode-se afirmar que diferentes fatores sociais contribuíram para o enraizamento do cordel como manifestação artística nordestina, dentre eles, o cangaço no Sertão e as secas periódicas.

Desse modo, tanto um fator quanto outro, provocaram desequilíbrios sociais e econômicos que oportunizaram o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo (Diegues Júnior)¹⁴.

Além disso, alguns poemas são ilustrados com xilogravura, também usada nas capas, considerada Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Meneses)¹⁵.

Quanto à estrutura, os cordéis são compostos por estrofes, comumente de dez, oito ou seis versos, cujas rimas contribuem, entre outros fatores, para dar ritmo à leitura ou declamação.

Já a divulgação dessa manifestação cultural se dá, geralmente, pela oralidade, pelos próprios autores ou cordelistas que recitam os versos de forma melódica e cadenciada, acompanhados de viola, contribuindo em leituras animadas ou declamações empolgantes para conquistar possíveis compradores (Meneses)¹⁶.

Nessa leitura, o foco é o cordel, manifestação cultural identitária do sertanejo nordestino, uma de suas principais formas de expressar o que sente por meio da via poética.

¹⁴ DIÉGUES JÚNIOR, M. **Literatura popular em verso: estudos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

¹⁵ MENEZES, 2009, *op cit*.

¹⁶ *Idem*.



Para pensarmos a respeito desse gênero, buscamos inspiração em Gaston Bachelard¹⁷ e sua fenomenologia da imaginação, ou o modo como o poeta cria imagens a partir dos quatro elementos - água, terra, fogo e metal.

Os dois primeiros, água e terra, são os que estão mais evidentes no cordel do Caio Freitas, embora entendamos que sem os quatro elementos a natureza não se transforma em vegetal, que será fonte de alimento ao homem nordestino.

Em seus estudos sobre as imagens, Bachelard se detém à simplicidade imagética, que denomina de espaço feliz, na tentativa de determinar o valor humano dos espaços de posse, defendidos contra forças adversas, os espaços amados. Assim é O saber nordestino, uma imagem “poética do espaço”, do lugar onde se estabelece a relação entre homem e natureza.

No caso do sertanejo, o cordel é a forma de expressar poeticamente, entre outros temas, o fazer agricultor, sua ação sobre a natureza. Desse modo, este livro também é a forma que encontramos para semear palavras e apresentar, por meio delas, uma leitura sobre a relação homem e terra com foco no sertanejo nordestino, agricultor e cordelista.

De acordo com Marinho e Pinheiro¹⁸, é possível discutir vários assuntos a partir da literatura de cordel, dentre eles, política, sociedade e variações linguísticas.

¹⁷ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Pádua Danesi. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

¹⁸ MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.



O cordel escrito por Caio Freitas, que será apresentado e discutido nas próximas páginas, assim como os demais cordéis, textualiza representações do imaginário popular e da cultura do sertão nordestino.

Representar o imaginário significa, também, compreender os indivíduos e sua cultura através da fé, das manifestações religiosas, das formas de viver em sociedade (Bernardi e Castilho)¹⁹ e a relação do homem com a natureza.

¹⁹ BERNARDI, J. C.; CASTILHO, M. A. de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3Dh0kVz>. Acesso em: 7 set. 2022.



CORDEL: POESIA E CIÊNCIA DO SOLO

Usando o gênero literário do Cordel, Caio Freitas materializa, em suas rimas, seu conhecimento como nordestino e cientista do solo para que, através de sua poesia, muitos possam viver e também sentir essa experiência.

O saber nordestino

Confira o Cordel pela voz do autor neste [Vídeo](#)

Aqui pra essas terras
Tem algo peculiar
Tô falando de um segredo
Que na prosa vou contar
É que eu sou do Nordeste
Terra de cabra da peste
Que não foge de uma guia
E pra tratar do assunto
Vou usar como trunfo
A nossa poesia

Já dizia Luiz Gonzaga
Nosso rei do Baião
Não há coisa igual
Ao luar do Sertão
Um vislumbre de beleza
Num conjunto a natureza
É quem dita o caminho
Essa é parte do segredo
Importante no enredo
Que não se faz sozinho

Pois tem a sabedoria
Da espera pro tempo certo
Todo ano a tradição
Dá suporte pro esperto
Que não abre mão da fé
E no dia de São José
Faz a semeadura
Inicia a invernada
Importante na toada
De uma vida que é tão dura

A chuva no sertão
Traz consigo o fenômeno
Fertilidade e fartura
Passa a ser seu sinônimo
O solo dito pobre
Na verdade é dos mais nobres
Com tamanha diversidade
E na rima desse repente
A Liberação de nutrientes
Passa a ser realidade

O trabalho é puxado
Mas feito com muito amor
Tradição que é passada
Desde antes do meu avô
O dia que cedo começa
Vai baixando o sol sem pressa
E como uma anúncio
Num visual de tardezinha
Tempo que passa, que caminha
Tá chegando o São João

Pois findado o trabalho
Vem a festa da colheita
Aquecendo os corações
Depois de toda a empreita
Todo o povo se anima
Afiando a sua sina
Esquecendo o que não presta
Canjica, pamonha e beiju
Coco, xote e maracatu
Povo fervendo em festa.

Caio Freitas



NORDESTE BRASILEIRO E SUAS PECULIARIDADES

O Saber Nordestino

Aqui pra essas terras
Tem algo peculiar
Tô falando de um segredo
Que na prosa vou contar
É que eu sou do Nordeste
Terra de cabra da peste
Que não foge de uma guia
E pra tratar do assunto
Vou usar como trunfo
A nossa poesia [...]

Caio Freitas

O cordel “O saber Nordestino” traz diferentes traços da região Nordeste brasileira e sua cultura, principalmente a relação do homem com a natureza. Essa região apresenta a maior quantidade de estados do Brasil (Figura 1), cada um deles com peculiaridades que os distinguem sobremaneira entre eles e entre os demais estados da federação.

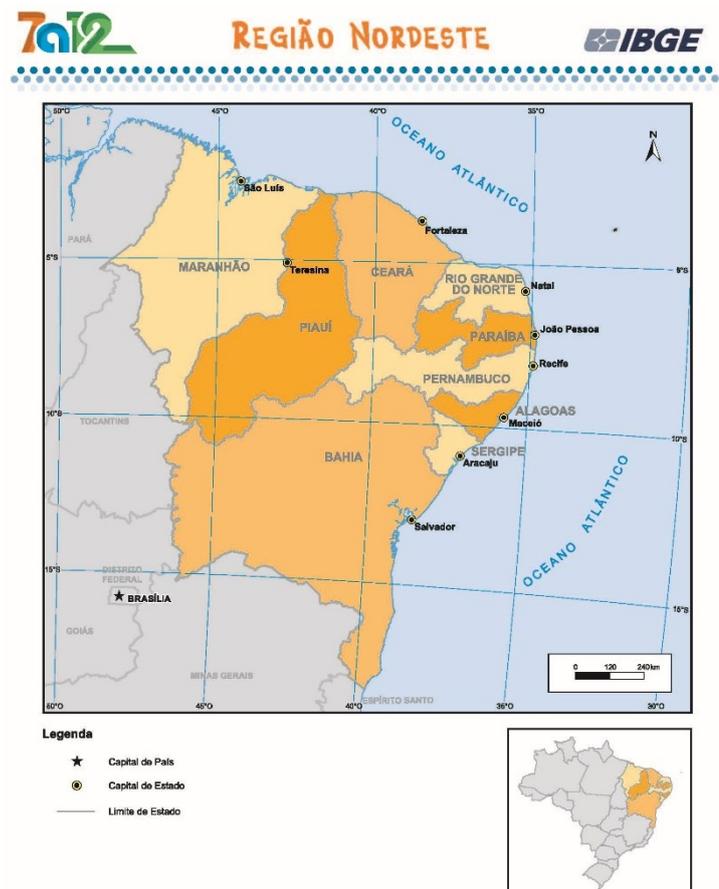


Figura 1. Mapa do Brasil com Estados da região Nordeste em destaque. Fonte: IBGE (2014).²⁰

²⁰ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal de mapas**. Região Nordeste. IBGE, 2022. Disponível em: <https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa100>. Acesso em: 30 nov. 2022.



Alguns pontos, no entanto, são comuns à maioria desses estados. Dentre eles, o fato de ser a colonização mais antiga do país e apresentar clima semiárido. Esses aspectos contribuem para que os rios sequem completamente durante os períodos de estiagem, os solos sejam rasos e regiões inteiras fiquem sem chuvas por vários meses (Teixeira)²¹.

Dentre os biomas que compõem a região Nordeste brasileira, destacam-se a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, o Cerrado e a Caatinga (Figura 2).

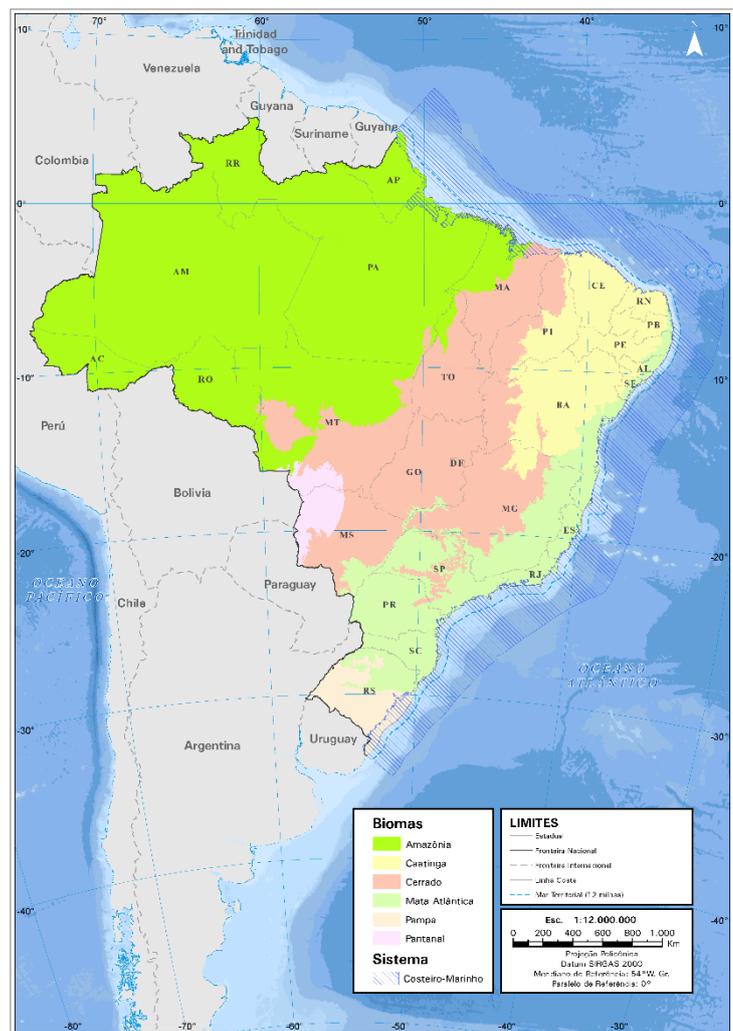


Figura 2. Biomas do Brasil. (Fonte: IBGE, 2019).²²

²¹ TEIXEIRA, M. N. O sertão semiárido: uma relação de sociedade e natureza numa dinâmica de organização social do espaço. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 769-797, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3BnZqVH>. Acesso em: 19 jun. 2021.

²² IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biomas e Sistema Costeiro-Marinho do Brasil 1:250 000. **Geociências: cartas e mapas – informações ambientais**. IBGE, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3itzTDs>. Acesso em: 19 jun. 2022.



A Caatinga envolve o Sertão como parte de seu território, que já foi representado em prosa e em versos por diferentes autores da literatura brasileira.

Na obra *Os Sertões*²³, por exemplo, que completou em 2022 duzentos anos de sua primeira edição, Euclides da Cunha – jornalista do Rio de Janeiro enviado como correspondente ao Sertão da Bahia para cobrir a Guerra de Canudos – faz uma das mais deslumbrantes representações da Caatinga. Suas vivências e o acompanhamento do conflito oportunizaram-lhe uma profunda observação do homem, da terra e do contexto social, político e econômico daquela região, impressões sistematizadas nas três partes que compõem o romance.

Na primeira parte da referida obra - “A terra” -, a flora, o relevo e o clima do sertão nordestino são o foco. Na segunda - “O homem” -, o autor descreve o sertanejo (“cabra da peste”) a partir de uma visão determinista, atrelada ao naturalismo. Por fim, na parte denominada “A luta”, apresenta em detalhes a Guerra de Canudos, fato histórico que foi incumbido de cobrir.

Cabe lembrar que há, na região Nordeste, em razão das peculiaridades de cada estado, rica diversidade e cultura que coloca esse território em destaque no contexto nacional, fenômeno conhecido como regionalismo²⁴.

²³ CUNHA, E. da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1994.

²⁴ Tanto o Regionalismo quanto o Naturalismo são movimentos estético-literários surgidos na Europa e que alcançaram o Brasil no século XIX. O foco dos regionalistas (escritores e artistas de diferentes estilos e arte) era o de preservar, por meio de registros literários e artísticos, os usos e costumes característicos de regiões mais distantes dos centros urbanos, concentrando-se mais nas questões psicológicas, já os naturalistas concentravam-se na descrição anatômica e nas ações cotidianas à luz da Ciência, notadamente o Determinismo e o Darwinismo [FROZZA, M. V. C. **Paisagens, retratos e quadros: o Planalto Catarinense em Bulha D’Arroio e Amigo Velho**. 2003. 184 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Pós-Graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.



Para Freyre e Thomaz²⁵, uma região pode ser politicamente menos do que uma nação, mas vital e culturalmente é mais do que uma nação; é mais fundamental que a nação como condição de vida e como meio de expressão ou de criação humana. Desse modo, nacionalismo e regionalismo são duas formas importantes que definem uma região. Ambas são expressões de uma combinação específica de “sociedade” e de “espaço” e, ao mesmo tempo, são parte dos mais problemáticos fenômenos do presente (Werlen)²⁶.

Ainda sobre o regionalismo, cabe pensar que ele está relacionado com a cultura de uma determinada sociedade e a linguagem e manifestações artísticas são formas de expressar as características próprias de uma região.

Nesse caso, conforme entende Barbosa²⁷, a cultura, a sociedade e a língua são indissociáveis, ou seja, interagem continuamente, constituindo um único processo complexo.

Língua e variações linguísticas²⁸, portanto, também caracterizam uma região. A primeira a situa no contexto de uma nação, já a variação linguística ocorre em regiões específicas. No Brasil, o português situa o Nordeste na nação brasileira, já a variedade linguística dessa região, o dialeto, é um dos elementos que a caracteriza - por exemplo, o dialeto e o vocabulário nordestino são bastante diferenciados das demais regiões.

²⁵ FREYRE, G.; THOMAZ, O. R. (orgs.). **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²⁶ WERLEN, B. "Regionalismo e sociedade política." **Geographia** 2.4, [S. l.], p. 7-25, 2000.

²⁷ BARBOSA, M. A. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. **Anais** [...]. Assis, SP: UNESP, 1993.

²⁸ Quando nos referimos à língua, nos reportamos à língua predominante em determinado país. No caso do Brasil, o português é tanto a língua quanto o idioma falado nacionalmente. No contexto da língua falada no Brasil, cada região tem variedades linguísticas que se manifestam nos diferentes dialetos, ou seja, no modo como as pessoas se expressam de acordo com a cultura predominante na sua região.



Nordestino de nascença, e impregnado da cultura do seu espaço de origem, Caio Freitas traz em seu cordel termos e expressões típicos da sua terra natal. Citamos como exemplo “cabra da peste”, que se usa para mencionar e identificar o Sertanejo. Essa expressão popular, para o povo nordestino, é sinônimo de pessoa valente, corajosa e batalhadora.

No campo da linguística, nessa locução, a palavra "cabra", um substantivo feminino, significa o indivíduo, a pessoa, o cabra, já a palavra "peste", um substantivo feminino, no sentido figurado, condiz a valente, sujeito corajoso, que enfrenta todas as adversidades da região onde vive.



BELEZA NORDESTINA

O Saber Nordestino

[...]

Já dizia Luiz Gonzaga

Nosso rei do Baião

Não há coisa igual

Ao luar do Sertão

Um vislumbre de beleza

Num conjunto a natureza

É quem dita o caminho

Essa é parte do segredo

Importante no enredo

Que não se faz sozinho [...]

Caio Freitas

Luiz Gonzaga, compositor e cantor, considerado uma das mais completas, importantes e criativas figuras da música popular brasileira, recebeu o título de Rei do Baião (Dreyfus)²⁹.

O Baião é um ritmo musical popular da região Nordeste do Brasil, derivado de um tipo de lundu. Nesse tipo de expressão artística, são utilizados instrumentos musicais, tais como triângulo, zabumba, pandeiro e sanfona (acordeão) (Dreyfus)³⁰.

Uma das músicas mais conhecidas de Luiz Gonzaga é “Luar do Sertão”, composta por Catulo da Paixão Cearense e gravada em 1981 no LP A Festa (RCA). Uma das estrofes dessa música é citada por Caio Freitas no cordel “O saber nordestino”.

Luar do Sertão “Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não Luar como esse do sertão”
(Catulo da Paixão Cearense, gravada por Luiz Gonzaga em 1981).

Nos fragmentos destacados, tanto Caio Freitas quanto Luiz Gonzaga e Catulo da Paixão Cearense enfatizam a beleza do luar do Sertão nordestino Brasileiro.

²⁹ DREYFUS, D. **Vida do viajante:** a saga de Luiz Gonzaga. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1996. 352 p.

³⁰ *Idem.*



RELIGIOSIDADE E ASPECTOS DA NATUREZA

O Saber Nordestino

[...]
Pois tem a sabedoria
Da espera pro tempo certo
Todo ano a tradição
Dá suporte pro esperto
Que não abre mão da fé
E no dia de São José
Faz a sementeira
Inicia a invernada
Importante na toada
De uma vida que é tão dura [...]

Caio Freitas

Na estrofe em destaque, Caio Freitas relaciona o Dia de São José com a época da sementeira. São José é um santo popular da Igreja Católica, esposo de Maria, mãe de Jesus Cristo, e considerado o protetor da família, da Igreja e padroeiro dos trabalhadores.

A referida data comemorativa carrega um significado especial para o sertanejo nordestino. Segundo a tradição, caso chova no dia 19 de março, Dia de São José, é sinal de que não haverá seca durante o ano, garantindo-se a safra e a mesa farta (EBC)³¹.

Conforme se observa, Caio Freitas resgata a religiosidade nordestina muito marcada no cotidiano do sertanejo.

³¹ EBC. 19 de março: no Dia de São José, nordestinos renovam esperanças por chuvas. Sessão Cultura, **EBC [online]**, 19 mar. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3De3GZq>. Acesso em: 7 set. 2022.



Holdcroft³², ao tentar definir o termo religiosidade, menciona alguns pontos que dificultam essa definição. O primeiro seria a questão do idioma e das traduções, o segundo relaciona-se à multidisciplinaridade possível do termo “[...] sem uma definição explícita do ponto de vista da educação religiosa”.

A mesma autora observa, a partir de Roget’s Thesaurus, de Peter Mark Roget, que, na língua inglesa, os sinônimos de religiosidade estariam mais relacionados às dimensões da religiosidade do que a um termo equivalente à religiosidade, como ortodoxia, fé, crença, piedade, devoção ou santidade (Holdcroft)³³.

Entretanto, no idioma português, segundo o Dicionário Aurélio, religiosidade é um substantivo feminino que pode significar: “característica do que é religioso”; “aptidão natural ou tendência específica para os sentimentos religiosos [...]” (Holdcroft)³⁴.

Para Bernardi e Castilho:

A religiosidade é a manifestação do sagrado que é a presença de uma potência sobrenatural em que se mostra o poder por meio de algum símbolo como uma força sobrenatural (CHAUÍ, 1995). Essa força, considerada superior, serve de alento às situações mais diferentes que possam acontecer no dia a dia. As representações são naturais, mas possuem um significado que as liga às teofanias em que aparece a força da potência realizadora daquilo que o homem pensa não ser capaz de resolver.³⁵

³² HOLDCROFT, B. B. What is Religiosity. **Journal of Catholic Education**, v. 10, n. 1, art. 8, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3qsCbnf>. Acesso em: 7 set. 2022.

³³ *Idem.*

³⁴ *Idem.*

³⁵ BERNARDI, J. C.; CASTILHO, M. A. de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**, Campo Grande, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez. 2016. p. 751. Disponível em: <https://bit.ly/3RONFgn>. Acesso em: 7 set. 2022.



Na leitura aqui apresentada, compreendemos a natureza como uma representação do sagrado, ou seja, aquela dimensão que não se explica, apenas se vive, e que permite a vida. Em outras palavras, é a sacralidade que se manifesta pelo homem por meio da linguagem usada para expressar o imponderável, o que está além da racionalidade teórica, técnica e prática da ciência.

O sagrado, então, pode ser tudo aquilo que não pertence ao profano, ou seja, “[...] manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’ em decorrência da [...] incapacidade humana de exprimir o *ganz andere*” (Eliade)³⁶, expressão que vem dos estudos de Rudolf Otto (1917) para explicar o que é grandioso, a materialização suprema do sagrado, que pode ser apenas sugerido pela linguagem humana.

Essa ideia condiz, portanto, à “[...] manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’” (Eliade)³⁷, como a pedra, a árvore, a terra e o que ela pode “dar” ao humano.

No entanto, conforme orienta o mesmo autor, não significa dizer que a pedra, a água e a terra deixam de ser materiais, é seu atributo concreto que transcende o racionalismo e passa a representar outra coisa (Eliade)³⁸.

³⁶ ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p. p. 11, grifos do autor.

³⁷ *Idem.*

³⁸ *Idem.*



A terra não é mais terra quando o sagrado nela se manifesta. Ela passa a ser algo para além disso. Conforme Eliade, o sagrado provém da transmutação da matéria em uma “uma realidade sobrenatural”, portanto, aos “[...] que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica”. (Eliade)³⁹.

Como veremos, para o povo do sertão nordestino, a natureza é sagrada, embora se dê os créditos dessa sacralidade a um ser supremo. Assim, quando o cultivo e as precipitações pluviométricas (a chuva no sertão, o elemento água) ocorrem no tempo certo, o sertanejo tem como perspectiva a colheita farta, por obra e graça divinas - é a bênção de Deus e dos Santos de devoção sobre o trabalho do agricultor.

Quando se relaciona a data na qual se comemora o Dia de São José (19 de março), com o calendário de chuvas na região Nordeste, observa-se que março coincide com um dos meses que apresentam melhor distribuição pluviométrica (Figura 3).

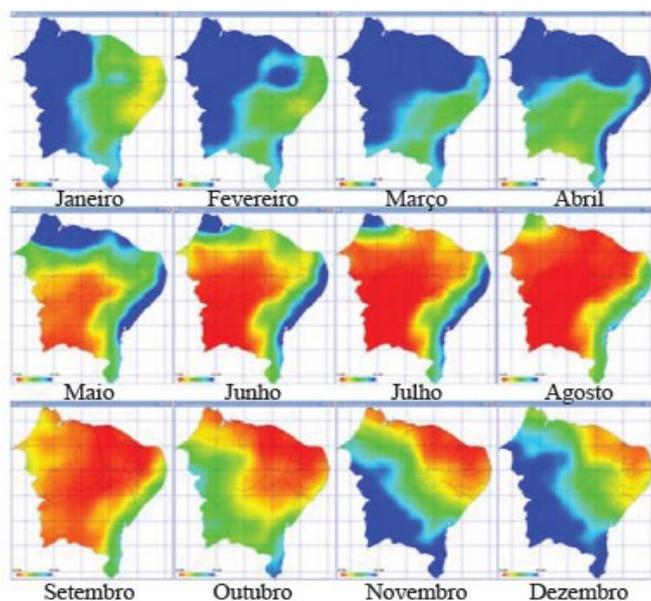


Figura 3. Dados (interpolação no período de 1904 a 1998) de precipitação pluvial na região Nordeste do Brasil. Fonte: Barbosa *et al.*, 2014.⁴⁰

³⁹ Eliade, 1992, *op. cit.* p. 11, grifo do autor.

⁴⁰ BARBOSA, N. F. M. *et al.* Kernel smoothing dos dados de chuva no Nordeste. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, [S. l.], v. 18, n. 7, p. 742-747, jul. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3BpP3Rc>. Acesso em: 7 set. 2022.



Ainda, cabe lembrar que essas tradições que envolvem o sagrado, como o mês do plantio e da colheita coincidentes com dias santos para os católicos, têm origem na mitologia, especialmente celta e grega.

Na mitologia celta, por exemplo, ocorriam festividades tanto na época do plantio quanto da colheita. Estudiosos destacam que o sincretismo religioso incorporou à cultura grega o culto a divindades relacionadas à agricultura, posteriormente, também por sincretismo, aspectos dessa cultura foram incorporados pelo cristianismo que, mais tarde, se refletiu nas festividades em homenagem aos santos em diferentes lugares do ocidente (Câmara⁴¹; Blanc⁴²), dentre eles, o Brasil.

Os celtas costumavam celebrar os ciclos da natureza em festivais que marcavam os solstícios (verão e inverno) e os equinócios (outono e primavera). No Hemisfério Norte, provável origem das festividades relativas às estações do ano, o solstício de inverno ocorre em junho, época de colheita das culturas da época mais fria.

Desse modo, no passado, rendiam-se homenagens à Grande Deusa, que representava a terra, a fecundidade e a fertilidade. Já o solstício de verão ocorre no mês de dezembro naquele hemisfério e marcava as celebrações das colheitas dessa estação.

⁴¹ CÂMARA, Y. R. **Morgana versus Ginebra**: análisis de la dicotomía entre las representantes del paganismo y del cristianismo en el mundo Celta de Las Nieblas de Avalon. 2015. 427 p. Tesis Doctoral. Facultad de Filología. Departamento de Filología Inglesa e Alemá. Universidade de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela.

⁴² BLANC, C. **O grande livro da mitologia celta e nórdica** [livro digital]. São Paulo: Camelot Editora, 2022.



No Hemisfério Sul, o plantio do milho, por exemplo, que é um dos temas do cordel de Caio Freitas. Ele ocorre em março, no equinócio de outono, e o milho estará pronto para a colheita no solstício de inverno, em junho (Casona⁴³; Funari⁴⁴).

Conforme apresentamos em mais detalhes no próximo capítulo, diferentes características das festas juninas mantêm relação com as culturas pagãs pré-cristianismo incorporadas pelo mundo cristão por meio de sincretismo religioso⁴⁵. No Nordeste brasileiro, essa religiosidade faz parte do cotidiano sertanejo e está expressa no cordel de Caio Freitas.

Como já afirmado, a distribuição das chuvas torna-se importante quando tratamos de semeadura, pois, uma vez que a semente está no solo, para que ocorra o processo de germinação, a água é elemento fundamental, atuando no processo de embebição.

Se faltar água na fase de germinação, todo o ciclo da cultura fica prejudicado. Nesse caso, o elemento água une-se ao elemento terra, promovendo a fecundidade. Enquanto os elementos atuam, o sertanejo vive a fase da espera, e nela, a poesia se faz presente.

⁴³ CASONA, R. N. Los Celtas: misterios, cultura y mitología. [Livro Eletrônico]. Ilustraciones: Isabel Morales Martínez. Editorial Amazonia, 2022.

⁴⁴ FUNARI, P. P. (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009; CASONA, R. N. **Los Celtas**: misterios, cultura y mitología. [Livro Eletrônico]. Ilustraciones: Isabel Morales Martínez. Editorial Amazonia, 2022.

⁴⁵ A história e cultura dos povos Celtas são temas que demandam leituras variadas devido à sua riqueza e influência na cultura ocidental, incluindo a permanência de muitos ritos incorporados à tradição cristã, como situamos brevemente neste livro. Além de Casona (2022) e Funari (2009), sugerimos também a leitura de BLANC, C. **O grande livro da mitologia celta nórdica**. [Livro eletrônico]. Barueri, SP: Editora Online, 2021; TENÓRIO JÚNIOR, A. de S. **De Brigitte, à Deusa-Mãe, ao Mago Merlin**: um panorama histórico, filosófico e antropológico da mitologia celta. [Livro Eletrônico]. Editora Bibliomundi, maio de 2022; GAIMAN, N. **Mitologia nórdica**. [eBook Kindle]. Editora Intrínseca, 2017.



Dando sequência ao cordel, Caio Freitas menciona a invernada como o período de espera da germinação e maturação do milho. Esse termo - invernada - nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, faz referência ao período de chuvas prolongadas, o que gera certa confusão com o termo invernada usado no sul do país, que designa o período do inverno⁴⁶.

A importância da invernada nordestina está relacionada ao suprimento de água adequado para as demais etapas de desenvolvimento das culturas agrícolas. Assim, por se tratar de um ambiente no qual a água é tão importante, a sua presença é como música que ameniza o sofrimento do sertanejo em situações de déficit hídrico.

Caio Freitas, para representar essa alegria, usa o termo toada⁴⁷, “[...] Canção de melodia dolente e andamento moderado, ideal para letras sertanejas melancólicas, nostálgicas ou românticas”. Dentre os exemplos de toada estão: “Assum Preto”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, “Esta noite serenou”, de Hervê Cordovil, e “[Súplica Cearense](#)”, de Gordurinha e Nelinho, cuja letra citamos aqui, por representar muito do contexto sertanejo.

⁴⁶ AZEVÊDO SOUZA, A. de. **Muito além das preces**: o sagrado e a religião em Jessier Quirino. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Universidade Federal Fluminense; Universidade dos Sinos (Brasil); Grupo de Estudios Avanzados de Comunicación - Universidad Rey Juan Carlos (España); Universidade Fernando Pessoa (Portugal), 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3BuDpVg>. Acesso em: 7 set. 2022.

⁴⁷ MUGNAINI JÚNIOR, A. **Enciclopédia das músicas sertanejas**. São Paulo: Letras & Letras, 2001. p. 178.



Súplica cearense

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o Senhor se zangou
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedi pra chover, mas chover de mansinho
Pra ver se nascia uma planta no chão
Meu Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedi a toda hora pra chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará

(Gordurinha e Nelinho)



ÁGUA E SOLO, FONTES DE VIDA

O Saber Nordestino

[...]
A chuva no sertão
Traz consigo o fenômeno
Fertilidade e fartura
Passa a ser seu sinônimo
O solo dito pobre
Na verdade é dos mais nobres
Com tamanha diversidade
E na rima desse repente
A liberação de nutrientes
Passa a ser realidade
[...]

Caio Freitas

Após germinar, se houver condições favoráveis, a semente cresce e produz. No seu cordel, Caio Freitas apresenta um estereótipo acerca do Solo nordestino, que, por muitos, é considerado pobre.

Cabe ressaltar, no entanto, que essa ideia está relacionada à paisagem da região Nordeste, marcada pela baixa precipitação e pelo aspecto de solo com fissuras. Isso se deve à presença de argilas, que dependendo do regime hídrico podem, na presença de água, expandir-se ou, na seca, contrair-se, gerando rachaduras⁴⁸. O próprio cordelista, porém, explica que o solo do Nordeste “é dos mais nobres”.

Essas interpretações equivocadas acontecem também com solos de outras regiões. Ao ver a exuberância da Floresta Amazônica, por exemplo, poder-se-ia pensar que os solos de lá são muito ricos em nutrientes, o que não é correto.

⁴⁸ MAIA, P. H. P.; DIAS NETO, B.; CORRÊA-GOMES, L. C. Análise geológica e estrutural das fissuras e subsidências no Carste de Lapão. **Cadernos de Geociências**, Universidade Federal da Bahia, v. 7, n. 2, p. 112-121, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3TVWyqh>. Acesso em: 7 set. 2022.



A exuberância e diversidade do bioma amazônico se deve à abundância de água e de material orgânico (plantas e animais). A água faz a ciclagem do material orgânico e o libera para logo ser absorvido pela Floresta.

Já na região Nordeste, a baixa pluviosidade faz com que o processo de intemperismo das rochas para a pedogênese do solo () seja desacelerado, já que a água é um fator muito importante no processo de intemperização. Quando presente, a água da chuva pode dissolver os nutrientes na solução do solo e, assim, disponibilizá-los para as plantas. Como os solos nordestinos guardam muitos nutrientes, nos poucos momentos de chuva, a combinação de solo e água faz com que haja uma boa disponibilidade desses nutrientes às plantas.

Esse fenômeno foi relatado em forma de poesia por Guibson Medeiros em “A chuva e o verde”.

A chuva e o verde

Quando chove no sertão o verde é quem predomina
cada semente no chão uma por uma germina para colher na plantação o
melhor de cada grão da culinária nordestina Guibson Medeiros.⁴⁹

De maneira semelhante, Euclides da Cunha, em sua obra “Os Sertões”, ficou “bestificado” ao se deparar com a primeira trovoada na Caatinga, que fez com que aquela paisagem mudasse completamente.

⁴⁹ Guibson Medeiros é poeta nordestino que utiliza as mídias digitais para divulgação de seus versos, os quais referem, dentre outros temas, a chuva no sertão nordestino. Além de Guibson, muitos poetas brasileiros já relataram como a chuva contribui para a fertilidade do solo nordestino, a exemplo do poema “A festa da natureza”, de Patativa do Assaré, declamado pela personagem Sami (interpretada e dublada por Carolina Candido Frozza). Disponível em: <https://eaulas.usp.br/porta1/video.action?pidItem=19905>. Acesso em: 7 set. 2022.



O fenômeno é descrito por Euclides da Cunha em Ressurreição da Flora, que denomina de “Mutação de Apoteose”⁵⁰: “*E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não v  mais o deserto. Sobre o solo, que as amar lis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical.   uma muta o de apoteose*”.

Patativa do Assaré também retratou esse fenômeno no poema a Festa da Natureza, que foi interpretado por integrantes da equipe do [PPSNE](#).

Os períodos de estiagem prolongados na região nordestina, além de contrib irem para o acúmulo de nutrientes, também podem ocasionar excesso de sais nesses solos, um dos problemas vividos pelo sertanejo, ou seja, a saliniza o provocada pelas condi es edafoclimáticas.

A saliniza o do solo   tratada com mais detalhes no livro “Solinho na Caatinga: parar a saliniza o do solo para aumentar sua produtividade” (Arruda *et al.*).⁵¹

Caio Freitas também menciona o termo repente em seu cordel. O repente, ou cantoria,   uma arte brasileira baseada no improviso cantado, alternado por dois cantores acompanhados por viola na afina o peculiar. Especialmente forte no Nordeste brasileiro,   baseado no improviso de [repentistas](#) que se dá ao vivo, com versos criados “de repente”⁵² - na hora.

⁵⁰ CUNHA, E. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 516 p. p. 83. Disponível em: <https://bit.ly/3Qxp6nb>. Acesso em: 4 set. 2022.

⁵¹ ARRUDA, B. *et al.* **Solinho na Caatinga: parar a saliniza o do solo para aumentar sua produtividade**. Piracicaba: Ed. dos autores, 2022. Disponível em: <https://sites.usp.br/solonaescola/publicacoes/>. Acesso em: 7 set. 2022.

⁵² SAUTCHUK, J. M. M. A poética cantada: investiga o das habilidades do repentista nordestino. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 45, p. 167-182, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3BOZHfS>. Acesso em: 21 jun. 2021.



LIDA DO CAMPO

O Saber Nordestino

[...]

O trabalho é puxado
Mas feito com muito amor
Tradição que é passada
Desde antes do meu avô
O dia que cedo começa
Vai baixando o sol sem pressa
E como uma anunciação
Num visual de tardezinha
Tempo que passa, que caminha
Tá chegando o São João

[...]

Caio Freitas

O saber nordestino, que se faz em versos no cordel de Caio Freitas, reflete o trabalho árduo empreendido pelo agricultor na sua lida no campo. Há várias etapas para a produção de alimentos, que vão desde o preparar a terra para receber as sementes, manejar o cultivo durante seu desenvolvimento, até a colheita.

É importante lembrar que todas as etapas da lida no campo são fundamentais e dependem do esforço do agricultor, e por vezes de sua família, na chamada agricultura familiar. Falamos do pequeno agricultor, aquele de subsistência, que faz sua plantação com instrumentos simples e, às vezes, rudimentares, como a enxada.

Após o plantio, enquanto o agricultor cuida do que está acima do solo, o milho passa por diferentes etapas de desenvolvimento: as que podemos ver na parte aérea das plantas e as que ocorrem no subsolo.



Na fase vegetativa (V), a prioridade da planta é produzir folhas que suprirão as energias necessárias para o desenvolvimento do vegetal, através do processo de fotossíntese. A fase reprodutiva (R) se dá quando a espiga começa a se formar e encher de grão (Magalhães e Durães)⁵³ (Figura 4).

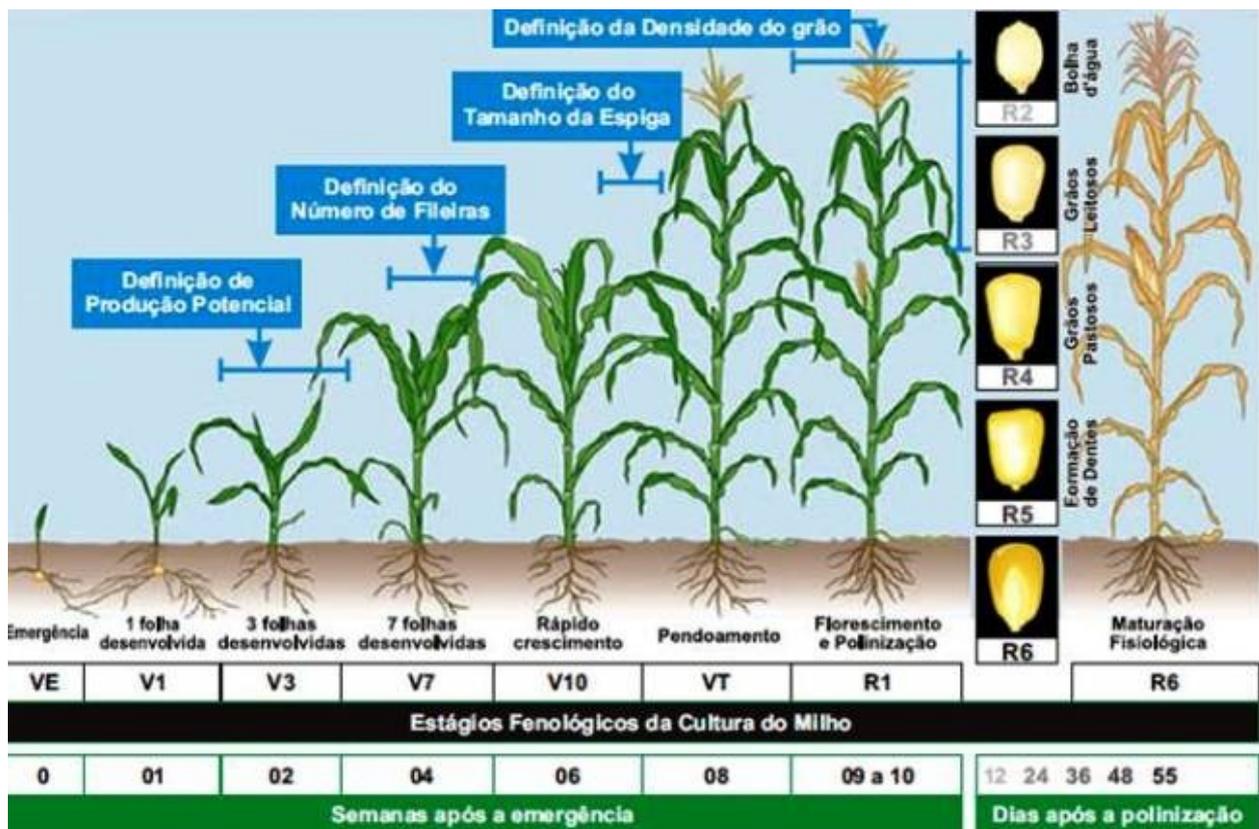


Figura 4. Estádios fenológicos da cultura do milho. Fonte: Agricultura no Brasil (2015).

O tempo que demora todo esse processo depende da variedade do milho escolhido, bem como das condições ambientais. Quando a produção é precoce, pode variar de 120 a 140 dias ou durar até quatro meses.

⁵³ MAGALHÃES, P. C.; DURÃES, F. O. M. Fisiologia da produção de milho. Circular Técnica. **Embrapa**, Sete Lagoas, MG, p. 1-10, dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3cY4EOW>. Acesso em: 7 set. 2022.



No Nordeste brasileiro, a melhor época para o plantio do milho é o mês de março, que também está relacionado com o período de chuvas, assim, nas condições locais, espera-se que sua maturação fisiológica ocorra entre os meses de junho e julho.

Caio Freitas relaciona a colheita do milho com a Festa de São João, um dos momentos de expressão da religiosidade do povo nordestino. Cabe lembrar que a Igreja Católica celebra, no mês de junho, a festa de três grandes santos: Santo Antônio (dia 13), São João Batista (dia 24) e São Pedro (dia 29). Essas festividades, trazidas para o Brasil pelos colonizadores portugueses, ficaram popularmente conhecidas como Festas Juninas.



E CHEGA A HORA DA COLHEITA

O Saber Nordestino

[...]

Findado o trabalho
Vem a festa da colheita
Aquecendo os corações
Depois de toda a empreita
Todo o povo se anima
Afangando a sua sina
Esquecendo o que não presta
Canjica, pamonha e beiju
Coco, xote e maracatu
Povo fervendo em festa!

[...]

Caio Freitas

Após toda a lida no campo, é hora de comemorar. É a festa da colheita, como retoma Caio Freitas na última estrofe do cordel. O momento festivo é uma espécie de trégua à árdua vida no sertão. Por ser época da colheita, especialmente do milho, os festejos juninos do Nordeste são marcados pela culinária típica, por cantorias e danças tradicionais, como o coco, o xote e o maracatu.

Todas as manifestações culturais citadas por Caio Freitas, juntamente com outras, fazem das festas juninas do Nordeste brasileiro as mais tradicionais e movimentadas do país, especialmente em Caruaru, no estado de Pernambuco, e em Campina Grande, estado da Paraíba. Em 2019, por exemplo, mais de 3 milhões de pessoas passaram por Caruaru.

Com relação ao simbolismo desses festejos, cabe lembrar que antes de assumir sua forma cristã, eles tiveram origem pagã no Hemisfério Norte, nas comemorações ao solstício de verão, época de colher as culturas semeadas no inverno.



Com a expansão do cristianismo, essas manifestações ganharam novo significado e roupagem, por meio de sincretismo, tornando-se celebrações tradicionais da Igreja Católica: a festa de São João, inicialmente denominada Festa Joanina (de João), posteriormente, Junina (de junho). Nesse mesmo mês, também celebram-se Santo Antônio e São Pedro e, no Nordeste, a época da colheita do milho.

Dentre os símbolos das Festas Juninas, destacam-se as fogueiras. Para Rangel⁵⁴ e Cosomano⁵⁵, nas culturas pré-cristãs, diferentes grupos sociais cultuavam deuses e deusas responsáveis pela fertilidade da natureza, patronas e patronos da agricultura, muitos deles e delas simbolizados pelas fogueiras.

No mundo Celta, por exemplo, acendiam-se as Fogueiras de Beltane em honra à Deusa-Mãe, divulgadas na literatura, entre outros, por Marion Zimmer Bradley⁵⁶ em *Brumas de Avalon*. Os Gregos cultuavam Héstia e Prometeu, deusa e deus do fogo, Cronus, “patrono da agricultura”, juntamente com Ísis e Osíris, Adônis e Afrodite⁵⁷. Essas e outras culturas são consideradas pelos estudiosos como a origem das fogueiras como símbolo de festividades religiosas.

A Festa Junina, dentre outras do calendário cristão, está associada ao sagrado, onde ele se manifesta na sua totalidade.

⁵⁴ RANGEL, L. H. V. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. 3. ed. São Paulo: Publishing Solutions, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1630392-Festas-juninas-festas-de-sao-joao.html>. Acesso em: 12 jul. 2022.

⁵⁵ COSOMANO, E. Arraiá dos deuses: a curiosa origem das festas juninas. **Aventuras na História** [online], 13 jun. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/o-arraia-dos-deuses-a-curiosa-origem-das-festas-juninas.phtml>. Acesso em: 12 ago. 2022.

⁵⁶ BRADLEY, M. Z. **As Brumas de Avalon**. Rio de Janeiro: Imago, 2008. 927 p.

⁵⁷ COSOMANO, 2020, *op. cit.*



Conforme entende Eliade (1992)⁵⁸, os festejos religiosos representam um retorno ao tempo indestrutível, momento do reencontro com “a dimensão sagrada da Vida”, em que

[...] experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina. No resto do tempo, há sempre o risco de esquecer o que é fundamental: que a existência não é “dada” por aquilo que os modernos chamam de “Natureza”, mas é uma criação dos Outros, os deuses ou os Seres semi-divinos [...] Antepassados míticos [que] criaram o homem e lhe ensinaram os diversos comportamentos sociais e os trabalhos práticos.⁵⁹

Importante lembrar que as comemorações juninas tiveram início como festejos religiosos, mas, aos poucos, foram perdendo esse caráter até se tornarem festas populares como conhecemos hoje. Quanto aos símbolos que marcam os festejos do mês de junho, além da fogueira, as bandeiras coloridas representavam, nas origens, a fertilidade, juntamente com os mastros ou paus de sebo, na ponta dos quais eram dependuradas espigas, frutas e flores (Chianca)⁶⁰. Essas festas são marcadas também por comidas típicas à base de milho (canjica e pamonha), mandioca (beiju) e amendoim (pé de moleque), além de bebidas como o quentão.

Alguns ritmos musicais, como os mencionados por Caio em seu cordel, dentre elas o coco, o xote e o maracatu, são marcantes nas festividades juninas da região Nordeste brasileira.

⁵⁸ ELIADE, 1992, *op. cit.*

⁵⁹ ELIADE, 1992, *op. cit.*, p. 46-47, grifos do autor.

⁶⁰ CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos.

Anthropológicas, [S. l.], ano 1, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007. Disponível em:

<https://bit.ly/3B87uZc>. Acesso em: 7 set. 2022.



O Coco é uma dança e um ritmo bastante comum no litoral nordestino, mas com origem nas usinas de produção de açúcar do interior Norte e do Nordeste. Com influência da cultura africana, o coco tem, no ritmo sertanejo, semelhança com o baião, porém menos marcado e balanceado, difundido no país especialmente por [Jackson do Pandeiro](#)⁶¹.

O xote talvez seja um dos ritmos mais conhecidos no país, com provável origem no “schottise” alemão, levado à França e Inglaterra por volta dos anos 1840-50. Os franceses trouxeram esse ritmo ao Brasil e, aos poucos, tornou-se gênero sertanejo ou caipira de Norte a Sul do país.⁶²

Os exemplos de xote mais conhecidos nacionalmente são os de [Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira](#) [Xote das meninas]; Fiz a cama na varanda, de Dilu Melo e Ovídio Chaves, gravado, entre outros, por [Inezita Barroso](#) e Severina Xique-Xique, de Antonio Barros, gravada por [Genival Lacerda](#).

Já o Maracatu constitui dança e ritmo característicos do carnaval da região Norte e Nordeste, no entanto, também está presente nos festejos juninos. De origem africana misturada com as culturas portuguesa e indígena, predomina no estado de Pernambuco e divide-se em Maracatu de Baque-virado e [Maracatu rural](#), este último associado ao sertanejo e às lides no campo.⁶³

⁶¹ MUGNAINI JÚNIOR, A. **Enciclopédia das músicas sertanejas**. São Paulo: Letras & Letras, 2001.

⁶² *Idem*.

⁶³ FRANÇA LIMA, I. M. de. A distinção dos dois tipos de maracatus: a invenção de uma tradição. **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 61, p. 158-190, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3qp7uPV>. Acesso em: 7 set. 2022.



EPÍLOGO

A cultura brasileira é de uma rica diversidade que mescla influências de diferentes povos. Falar sobre algum dos aspectos culturais deste país é mergulhar num cadinho de conceitos, origens, vertentes e caminhos nem sempre consensuais entre os estudiosos. Desse modo, reiteramos que o exposto neste livro é uma leitura possível de um cordel, elaborado e declamado por Caio Freitas, um dos autores também deste material.

Para a leitura do cordel O Saber Nordestino, passamos muito brevemente pela Literatura e a Teoria literária, a Antropologia, a Filosofia, a História e chegamos à Ciência do solo por conta da nossa formação e das manifestações artísticas às quais nos dedicamos como hobby ou profissão. Há, em nossas vivências e cultura, uma forte influência do campo, da agricultura, por isso, em alguns momentos, os saberes técnicos e teóricos deram espaço ao saber vivido, daí considerarmos o que foi apresentado como um ensaio, uma das leituras possíveis do cadinho cultural presente em um cordel.

Também é uma homenagem àqueles que contribuem com seu trabalho para o alimento que temos em nossa mesa cotidianamente. O sertanejo, seja ele nordestino ou de outras regiões do país, representa um retorno aos costumes nem sempre lembrados na vida urbana, que formam o saber e o sabor da simplicidade, do alimento plantado, colhido e preparado na roça; do sentimento exposto nas manifestações artístico-culturais, como a dança, a música, o poema.

O cordel do Caio Freitas nos levou para um passeio de resgate daquilo que, de algum jeito, nos forma e compõe nossa cultura.



SOBRE OS AUTORES

Caio César Gomes Freitas é natural de Garanhuns - PE, Engenheiro Agrônomo, com mestrado em Solos e Nutrição de Plantas.

Bruna Arruda é natural de Lages – SC, Engenheira Agrônoma, com mestrado e doutorado em Solos e Nutrição de Plantas.

Marcia Vidal Candido Frozza é natural de Abelardo Luz - SC, graduada em Letras - Português e Literatura, Pedagoga, Psicopedagoga, com mestrado em Literatura Brasileira.

Clecia Cristina Barbosa Guimarães é natural de Fortaleza - CE, Bióloga, com mestrado em Ecologia e Recursos Naturais e doutorado em Ciências.

Antonio Carlos de Azevedo é natural de Poços de Caldas – MG, Engenheiro Agrônomo, Professor Doutor de Mineralogia e Gênese do Solo, na ESALQ/USP.





[Programa Ponte Solo na Escola](#)